

Lição 10

08 de Setembro de 2024

OS IMPÉRIOS MUNDIAIS E A SUPREMACIA DO FILHO DO HOMEM



FERRAMENTA EBD

3º TRIMESTRE 2024 | JOVENS

Murilo Alencar

Esboço Da Lição 10

Do 3º Trimestre

De 2024

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

NA COVA DOS LEÕES

O Exemplo de Fé e Coragem de Daniel Para o Testemunho Cristão para os Nossos Dias

Domingo, 08 de setembro de 2024

OS IMPÉRIOS MUNDIAIS E A SUPREMACIA DO FILHO DO HOMEM

O QUE VAMOS ESTUDAR?

O capítulo 7 de Daniel marca uma transição do relato histórico para o apocalíptico, focando em visões e profecias de Daniel. Dos capítulos 7 a 12, Daniel narra quatro visões: duas no período babilônico e duas no medo-persa. A sequência não é cronológica em relação aos capítulos anteriores. Esta lição aborda a visão dos quatro animais e do Filho do Homem, que se relaciona com o sonho de Nabucodonosor no capítulo 2. Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

- **TEXTO PRINCIPAL**

Depois, em minha visão naquela noite, vi alguém semelhante a um filho de homem vindo com as nuvens do céu. Ele se aproximou do Ancião e foi conduzido à sua presença. (Dn 7.13 - NVT).

No versículo 9, Daniel fala do quinto e último império mundial: o reino glorioso do Senhor Jesus Cristo, o qual dominará sobre todo o universo. A descrição do Ancião de Dias nessa passagem é semelhante ao retrato de Cristo em Apocalipse 1. Contudo, a identificação é obscurecida no versículo 13 por um como o Filho do Homem que vem antes do Ancião de Dias. Caso identificássemos Cristo com o Ancião de Dias, este texto diria que Cristo virá antes de si mesmo. Talvez seja melhor, portanto, identificar o Ancião de Dias com Deus, o Pai. Aquele que é como o Filho do Homem seria, então, o Senhor Jesus, que vem antes do Pai para receber o reino.

"Filho do homem" é um título frequentemente aplicado à pessoa de Cristo (Mt 16.13). Essa expressão ocorre cerca de 79 vezes nos Evangelhos, sendo 22 delas apenas em Apocalipse. Daniel, em sua visão, faz essa referência específica ao "Filho do homem". Em Ezequiel, o profeta do cativo, a expressão "filho do homem" é usada por Deus ao falar com o profeta cerca de 91 vezes. Em Apocalipse 14.14, há uma visão sobre o "Filho do homem". Jesus é o "Filho do homem" porque, de um modo especial, Ele é o representante da humanidade perante o Pai. Ele é declarado "Filho de Davi

segundo a carne” (Rm 1.3). Ele se tornou o “Filho do homem” para que nós, humanos, nos tornássemos filhos de Deus (Jo 1.12)."

• **RESUMO DA LIÇÃO**

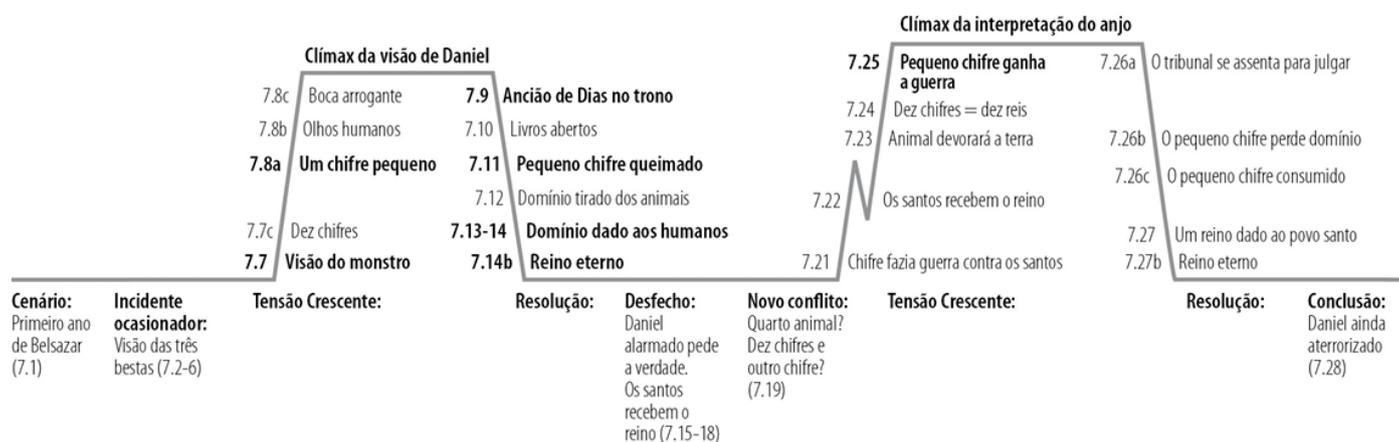
Os reinos deste mundo vêm e vão, mas a soberania de Deus é para sempre.

Vamos desembrulhar o resumo da lição em três pontos:

- A Temporalidade dos Reinos Terrenos. Os reinos deste mundo são passageiros e temporários. Governos se levantam e caem, impérios surgem e desaparecem ao longo da história. Essa realidade nos ensina que todo poder humano é limitado e finito. Não importa quão forte ou próspero um reino possa parecer, ele eventualmente dará lugar a outro. Isso reflete a natureza transitória de tudo o que é humano e terreno.
- A Constância da Soberania Divina. Em contraste com a fragilidade dos reinos terrenos, a soberania de Deus é eterna. Ele é o Rei dos reis, cuja autoridade não tem fim. Enquanto os governos humanos mudam, o reino de Deus permanece firme e inabalável.
- A Supremacia do Reino de Deus. A soberania de Deus não é apenas eterna, mas também suprema. Todos os reinos terrenos, em última análise, estão sujeitos ao Seu poder. A história é dirigida pela mão soberana de Deus, que usa até mesmo os reinos deste mundo para cumprir Seus propósitos eternos. Como cristãos, somos chamados a colocar nossa confiança e lealdade no reino de Deus, que é inabalável, ao invés de nos apegarmos aos reinos deste mundo que são temporários.

INTRODUÇÃO

Podemos esboçar o capítulo sete da seguinte maneira:



Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?

Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos

Infográficos e fluxogramas?

Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio ao professor da EBD

I. A VISÃO DOS QUATRO ANIMAIS

1.1 A ocasião da visão.

A LIÇÃO DIZ: O capítulo 7 de Daniel descreve uma visão que o profeta teve durante o reinado de Belsazar. Vale lembrar que a partir desta seção, o livro não está redigido de forma cronológica, por isso não é uma sequência do capítulo anterior. Daniel data a visão no primeiro ano do reinado de Belsazar. Logo, ela ocorreu pelo menos dez anos antes do banquete mencionado no capítulo 5, sobre o qual estudamos na Lição 8. Na visão de Daniel, ele observa os 'quatro ventos do céu' 'agitando o 'grande mar' (7.2). Essa imagem simbólica sugere que eventos poderosos e influentes, representados pelos ventos, estão prestes a desencadear mudanças significativas e turbulentas na história da humanidade, simbolizada pelo mar. Na Bíblia, a agitação do mar representa a inquietude das nações da Terra (Is 17.12; Ap 17.15).

Resumo do Livro de Daniel:



Os estudiosos do livro de Daniel dividem o livro em duas partes, histórica e profética. Dn 1.1- 6.28 o identificam como históricos, mesmo contendo uma parte profética no capítulo 2. Os capítulos 7 a 12 são tratados como sendo proféticos. Chamamos esses últimos capítulos de proféticos, mas é importante destacar que a maioria dos eventos registrados nos capítulos 7-12 já se cumpriram, enquanto alguns ainda estão por se cumprir.

No capítulo 7 inicia-se, essencialmente, a parte profética do livro de Daniel, o verdadeiro Apocalipse do Antigo Testamento. Esse capítulo 7 com a sua visão dos impérios mundiais é paralelo com o capítulo 2 que tem o sonho de Nabucodonosor. O capítulo 2 apresenta quatro impérios representados por quatro figuras do mundo material. A visão do capítulo 2 foi dada a um rei pagão, o rei Nabucodonosor e a visão do capítulo 7 foi dada a um servo de Deus, o príncipe Daniel. A Nabucodonosor a visão revela o lado político e material dos impérios, representados na figura da grande Estátua. A Daniel Deus revelou o lado moral e espiritual desses impérios representados pelas figuras dos quatro animais. Os fatos são os mesmos, mas o objetivo das duas visões difere nas finalidades. Deus mostra a decadência desses impérios e o surgimento do reino eterno do Messias.

No livro de Daniel, encontramos duas sequências cronológicas distintas: uma na parte histórica e outra na parte profética. Os eventos preditos e proféticos nos capítulos 7 a 12 ocorrerão em ordem cronológica. As duas primeiras visões, descritas nos capítulos 7 e 8, aconteceram antes da festa de Belsazar, mencionada no capítulo 5. No entanto, a visão apresentada no capítulo 9 antecedeu a experiência de Daniel na cova dos leões, narrada no capítulo 6. Por fim, a quarta visão de Daniel (registrada nos capítulos 10, 11 e 12) ocorreu no 'ano terceiro de Ciro, rei da Pérsia' (Daniel 10.1).

1.2 Os quatro grandes animais.

A LIÇÃO DIZ: *Daniel continua descrevendo sua visão, na qual quatro grandes animais surgem do mar: o "leão com asas de águia" (v.4); o urso (v.5); o leopardo com quatro asas (v.6) e o quarto animal, terrível e espantoso (v.7).*

Nesse ponto do livro bíblico, pela primeira, uma visão é dada diretamente a ele e, no versículo 2, Daniel é citado na primeira pessoa — "[...] Eu estava olhando" —, algo inédito até esse ponto, conforme observa John Walvoord.

O início da visão:

Os quatro ventos que agitam o mar vêm do céu. Esses quatro ventos falam da universalidade e totalidade do mundo. O mundo todo está envolvido nos acontecimentos. São fatos de alcance mundial.

Como o mar é um símbolo dos povos em sua convulsão histórica e o vento um símbolo da intervenção de Deus na terra, podemos afirmar que o levantamento dos reinos do mundo é um ato da soberania de Deus. Ele levanta reinos e abate reinos.

Daniel viu quatro animais grandes surgirem do mar, não simultaneamente, mas sucessivamente. Os animais representam quatro impérios sucessivos, e, uma vez que cada um surgiu do mar (nações), eles são de origem e natureza humanas. Simbolismo semelhante é encontrado em Apocalipse 13.1, e sabe-se que mesmo outras nações da época representaram-se com figuras de vários animais (cf. Sl 74.13–14; Is 27.1; 51.9; Ez 29.3; 32.2).

1.3 O espanto de Daniel.

A LIÇÃO DIZ: *A visão era tão impressionante que deixou Daniel perplexo (v. 15). Apesar de ser um homem sábio e experiente, aquela revelação era profunda e impactante para ele. Não importa o quanto tenhamos caminhado na vida cristã, Deus sempre nos surpreende. As implicações sombrias para as pessoas da terra e para o seu próprio povo eram mais do que Daniel poderia absorver calmamente. Contudo, o anjo de Deus estava lá para dar entendimento a Daniel, explicando o sentido do sonho (vv. 16, 17).*

Daniel ficou alarmado e perturbado diante dos dramas da história que estavam prestes a se desenrolar (v. 15). Seu rosto empalideceu (v. 28). Ao testemunhar a invasão do mal na história e a devastação que ele causava, Daniel se viu perplexo. E nós? Estamos anestesiados a ponto de perder a sensibilidade? Não deveríamos sentir o mesmo que Daniel?

A presença das forças do mal na história deve nos conduzir à oração, ao jejum e à vigilância. Essas forças, embora derrotadas, ainda não foram completamente destruídas e têm o potencial de provocar devastação e tragédia.

O livro de Apocalipse, no capítulo 12, relata que o dragão foi expulso do céu, mas desceu à terra com grande cólera. A terra enfrenta aflições, e nosso inimigo está furioso. Ele continuará agindo terrivelmente até o dia em que for lançado no lago de fogo. O mal que oprimia Daniel ainda persiste em nossa realidade atual.

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?

Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos

Infográficos e fluxogramas?

Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio ao professor da EBD

II. A INTERPRETAÇÃO DO SONHO

2.1 Os reinos deste mundo.

A LIÇÃO DIZ: *O sonho de Daniel guarda relação direta com a estátua do sonho de Nabucodonosor no capítulo 7. O sonho e a visão retratam as mesmas realidades históricas, sob perspectivas diferentes.*

Vamos a interpretação:

- **"O primeiro era como leão e tinha asas de águia" (Dn 7.4).** O leão, considerado o rei dos animais, simboliza a Babilônia, conforme também profetizado pelo Profeta Jeremias (Jr 4.6,7). Comparando as visões do capítulo 2, a "cabeça de ouro" (Dn 2.32,37,38) representa a Babilônia, que no capítulo 7 é simbolizada pelo "leão com asas de águia" (Dn 7.4). Podemos perceber um paralelo entre esses dois capítulos. Deus utiliza figuras conhecidas culturalmente pelo homem para revelar verdades morais e espirituais. Por isso, na visão de Daniel, Deus usou figuras do mundo animal. No reino animal, o leão é o predador maior, sendo considerado o rei. Aqui no capítulo 7, o leão representa o Império Babilônico, e as "asas de águia" simbolizam a vasta extensão das conquistas desse império, que foi o maior do mundo naquela época.

Na natureza, tanto o leão quanto a águia são considerados animais nobres. O leão é o símbolo do rei dos animais terrestres, e a águia é identificada como a rainha das aves do céu. Juntos, o leão e a águia representam a Babilônia, destacando seu domínio e riqueza em relação ao mundo de então. O leão lembra a bravura, a violência e a força bruta sobre suas presas, características que se manifestaram nas ações de Nabucodonosor ao submeter as nações ao seu domínio. A águia, por sua vez, simboliza a rapidez e a voracidade. Portanto, o domínio da Babilônia ocorreu entre os anos 605-539 a.C.

Na visão, Daniel viu que o fim chegou para a Babilônia quando "lhe foram arrancadas as asas" (Dn 7.4). Isso lembra o momento em que Nabucodonosor ficou demente, agindo como um animal do campo, por não reconhecer a soberania divina. Ora, uma águia sem asas simboliza um poder desfeito, sem capacidade de voar. Depois de "arrancadas as asas", o texto diz que o leão "foi posto em dois pés como homem" e, ao recuperar a racionalidade, passou a agir como um ser humano normal. Com essa experiência, Nabucodonosor foi obrigado a reconhecer a soberania divina e a dar glória a Deus, a quem ela pertence (Dn 4.24,25,32,33,36,37)."

- **O segundo grande animal da visão é um urso (Dn 7.5).** O urso, com sua força e voracidade, é quase tão formidável quanto o leão. É um animal pesado, com apetite voraz, carnívoro, e que estraçalha suas presas com facilidade. Ele age com ataques súbitos e inesperados. Na

interpretação de Daniel, esse “urso” representa o segundo império que sucedeu ao babilônico, o Império Medo-Persa (Dn 2.39). Um detalhe interessante é que o texto diz: “o qual se levantou de um lado” (v. 5). Em outras versões, a compreensão se amplia com a expressão “com uma das patas levantada, pronto para atacar,” conforme está na Bíblia Viva. Isso subentende que o urso não está dormindo, mas pronto para atacar, e foi exatamente o que fez ao unir a Média e a Pérsia em um ataque violento contra os exércitos de Nabonido.

Na visão, o urso tinha “três costelas entre os dentes,” que podem representar o domínio sobre três nações conquistadas por Ciro e Dario: Lídia, Egito e Babilônia. O Império Medo-Persa foi formado pela união dessas duas nações: a Média e a Pérsia. No capítulo 2, o peito e os braços da colossal estátua simbolizavam o império que sucedeu o Babilônico, que é o Medo-Persa. Os dois braços representavam a Média e a Pérsia, que se aliaram para atacar a Babilônia e formar um único governo.

- **O terceiro grande animal da visão é um leopardo com quatro asas (Dn 7.6).** A visão segue após o segundo animal, o urso, com a frase: “Depois disso, eu continuei olhando,” indicando que os animais apareceram em sequência, um após o outro, e não todos ao mesmo tempo. Isso porque Deus queria facilitar a compreensão de Daniel sobre cada detalhe da visão. O terceiro animal era, portanto, um leopardo, ou semelhante a um leopardo. A característica principal desse animal era sua agilidade e rapidez. Porém, este leopardo não era comum, pois tinha “quatro asas nas costas” e “quatro cabeças.” Deus usou a figura desse animal extraordinário porque não havia nenhum semelhante no mundo animal. Esse leopardo representava a Grécia, que, com grande velocidade e crueldade, conquistou o mundo então dominado pelo Império Medo-Persa.

O leopardo comum, além de ser carnívoro, é capaz de ataques súbitos e inesperados. Esse ágil e forte leopardo representa, sem dúvida, o reino grego sob a força militar de Alexandre, o Grande, em 331 a.C. Como figura mítica, esse leopardo tinha quatro asas de ave e quatro cabeças. As asas indicam a expansão do império após a morte de Alexandre (323 a.C.). No capítulo 2, o Império Grego é representado na visão da estátua de Nabucodonosor pelo “ventre e as coxas de bronze” (Dn 2.32). No capítulo 7, Daniel vê o leopardo alado e com quatro cabeças como uma representação do Império Grego, que, sob Alexandre, o Grande, da Macedônia, dominou o Império Medo-Persa em 334 a.C., expandindo seu domínio pela Europa e Índia em apenas dez anos. Alexandre tinha uma obsessão por conquistar outros territórios, o que fez com a ajuda de seus quatro principais generais de guerra.

O texto diz que “foi-lhe dado o domínio” (v. 6) e, de fato, Alexandre rapidamente conquistou as nações ao seu redor. A influência do seu domínio, especialmente na cultura, tornou-se referencial para o mundo inteiro até os tempos modernos. No entanto, em 323 a.C., Alexandre teve uma morte súbita, e seu reino foi dividido entre seus quatro generais. Cassandro recebeu a Macedônia e a Grécia; Ptolomeu I, a Palestina e o Egito; Selêuco I recebeu a Síria; e Lisímaco, a Ásia Menor e Trácia.

Na linguagem bíblica, a figura da “cabeça” simboliza governo (Is 7.8,9; Ap 13.3,12), e as “quatro cabeças” do leopardo representam os quatro generais que dividiram o império após a morte de Alexandre, o Grande. O leopardo, como um todo, recebeu o domínio, conforme diz o texto no versículo 6. Isso indica que, antes de tudo, Deus tem o cetro de governo do universo e concedeu ao rei grego o poder de dominar por um curto período de tempo. No plano divino, prevalece a soberania de Deus, que domina sobre as nações do mundo. Esses quatro generais se tornaram reis nas regiões designadas e, movidos pela mesma ambição de glória e poder de seu líder, lutaram entre si. Em outra visão que Daniel teve acerca desse mesmo império, no capítulo 11.4, está escrito: “o seu reino será quebrado e repartido para os quatro ventos do céu, mas não para a sua posteridade.” Mais uma vez, vemos que ninguém rouba o cetro de governo de Deus. O Império Grego também passou e foi sucedido por outro mais forte e violento, o Império Romano. O leopardo audaz foi abatido pelo “animal terrível e espantoso” (Dn 7.7).

- Assim como no capítulo 2, o Império Romano aparece no sonho de Nabucodonosor representado pelas “pernas de ferro e os pés, em parte de ferro e em parte de barro” (Dn 2.33). No capítulo 7, o Império Romano surge na visão de Daniel como um “animal terrível e espantoso” (Dn 7.7). Esse quarto animal não se assemelha a nenhum outro tipo do mundo animal; ele era único, um monstro mítico que Daniel descreve como “terrível e espantoso.” A característica mais destacada desse animal era sua força e poder de destruição. Ele tinha “dentes de ferro,” que trituravam tudo à sua frente, simbolizando a força e insensibilidade do Império Romano no trato com as nações (Dn 7.23). Esse império sucedeu o Medo-Persa e demonstrou sua força principalmente por meio de sua imensa capacidade militar.

Esse “animal terrível e espantoso” deixou rastros de morte e destruição por onde passava. O Império Romano é caracterizado pela dureza do ferro, um símbolo de poder militar. Por meio dessa força brutal, o Império Romano impôs seu domínio com violência e crueldade, inclusive nos tempos da vida terrena de Jesus Cristo. Os sofrimentos infligidos durante a prisão, o martírio e a crucificação de Jesus revelam a brutalidade das legiões romanas. Daniel vê esse quarto animal como “terrível e espantoso,” lembrando não apenas as proezas militares de Roma, mas

também a violência como forma de cultura e entretenimento, exemplificada pelos espetáculos nas arenas romanas, onde prisioneiros eram devorados por animais selvagens enquanto a elite e o povo aplaudiam (At 19.12-18; At 16.36-39). Durante o domínio romano, muitos cristãos foram martirizados nessas arenas e circos, especialmente em Roma. O império impunha sua força bruta, simbolizada pelos “grandes dentes de ferro” que destruíam tudo em seu caminho. Daniel explica e interpreta a figura desse quarto animal como um reino marcado pela crueldade, desde 241 a.C. até 476 d.C. Esse império é visto também sob uma perspectiva escatológica, pois acredita-se que, embora tenha deixado de existir fisicamente, ele ressurgirá em um tempo especial, reunindo as forças gentílicas das nações do mundo, especialmente as que cercam o Mediterrâneo, sob a liderança do Anticristo.

2.2 O Anticristo.

A LIÇÃO DIZ: *As dez pontas (algumas traduções usam a expressão ‘chifres’) que saíam da cabeça do quarto animal prefiguravam dez reis advindos do antigo Império Romano (v.20). Mas outro rei, representado pela pequena ponta, se levantará após os dez reis e abaterá os três primeiros, arrancando-os tal como descreve a visão. Essa descrição encontra ressonância em Apocalipse 17.12-14. Os fatos proféticos do versículo 8 são ainda futuros, como bem mostra o livro de Apocalipse. Na escatologia pentecostal, a interpretação é que a pequena ponta representa o Anticristo, que surgirá no final dos tempos e fará guerra aos santos (7.21). Esse é o homem do pecado, o filho da perdição (2 Ts 2.3,4).*

Esse quarto animal tem dez chifres que são identificados como dez reis (v. 24). O império romano é diferente dos três primeiros reinos (v. 23). Os três primeiros foram absorvidos um pelo outro, mas o quarto império será destruído por intervenção divina. A pedra vai torná-lo pó. O Reino de Cristo vai encher toda a terra (Dn 2.44,45).

Esse “chifre pequeno” representa, escatologicamente, “o homem do pecado” ou “o filho da perdição” (2 Ts 2.3), identificado como o Anticristo, que surgirá no tempo designado por Deus, durante a Grande Tribulação, blasfemando contra o Altíssimo até que venha o juízo divino. Os dez chifres do quarto animal representam a força desse terrível império. Na visão, Daniel vê sair do meio da cabeça desse animal espantoso, entre os dez chifres, um “chifre pequeno” que tem olhos e uma boca que “fala insolências.” Falar insolências significa desrespeitar instituições e pessoas, e é exatamente o que o Anticristo fará. Esse “chifre pequeno” surgirá entre os dez reinos, conforme profetizado e interpretado por Daniel nos versículos 24 e 25: “E, quanto às dez pontas, daquele mesmo reino se levantarão dez reis; e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros e abaterá a três reis. E

proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues nas suas mãos por um tempo, e tempos, e metade de um tempo.” Esse chifre pequeno será um homem que aparecerá no “último tempo” e blasfemarà contra Deus, até que venha o juízo divino.

Tanto em Daniel 7.8 quanto em Apocalipse 13.1,5-6, as profecias apontam para um personagem dos últimos tempos, o Anticristo. As profecias dadas a Daniel no Antigo Testamento e a João, o apóstolo, no Novo Testamento, nos mostram que ambos indicam esse governante, simbolizado pelo “chifre pequeno,” que adquire personalidade porque tem “uma boca que fala grandiosamente.” Falar coisas grandes sugere que este líder fará promessas políticas persuasivas, especialmente para enganar o povo de Israel e o mundo, que ficarão impressionados com sua eloquência. Assim como os discursos de líderes políticos influenciam nações, as palavras do Anticristo terão um poder enorme de persuasão. Ele fará um pacto com Israel durante a Grande Tribulação e exercerá forte influência sobre os governos do mundo naquela época. Ele dirá grandes blasfêmias contra Deus e, arrogantemente, zombará de Deus e do povo de Israel. O apóstolo João, em sua visão apocalíptica, diz em Apocalipse 13.6: “Abriu a boca para blasfemar contra Deus, para blasfemar do seu nome, do seu tabernáculo e dos que habitam no céu.” Hoje, o mundo parece estar sob a síndrome desse futuro líder, que já começa a mostrar seus primeiros sinais. E se ele ainda não se revelou, é porque a Igreja de Cristo ainda está na terra. No entanto, o espírito do Anticristo, movido pelo Diabo, já está preparando o cenário mundial para sua chegada. Os líderes atuais do planeta, ao governar, usam recursos do materialismo e da idolatria, mas terão uma retórica vazia, com discursos inflamados que acusam as nações que ainda possuem um pouco de temor a Deus. Esse líder será, sem dúvida, um líder político, mas explorará a religiosidade das pessoas, fingindo ser um líder religioso para enganar as massas. Vivemos tempos de rebelião e oposição a Deus, enquanto o Diabo prepara o mundo para a ascensão do Anticristo.

Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?

Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos

Infográficos e fluxogramas?

Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio ao professor da EBD

III. O REINO DE DEUS E O SEU JULGAMENTO

3.1 O juízo divino.

A LIÇÃO DIZ: *A visão de Daniel mostra que o poder dos animais não é para sempre. O versículo nove nos diz: “foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou: sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça, como a limpa lã: o seu trono, chamava de fogo, e as rodas dele, fogo*

ardente' (v.9). O trono é símbolo de poder, governo e julgamento. A profecia nos revela que o juiz supremo neste julgamento é o 'ancião de dias', que é uma representação de Deus, com cabelos brancos e vestes brancas. O tribunal divino, apresentado no sétimo capítulo de Daniel, revela que Deus julgará 'a pequena ponta' e proferirá o veredito final contra o quarto animal, que representa Roma (vv. 11,12). Este é o ponto culminante da visão de Daniel, onde o Altíssimo avalia e julga as más ações, a crueldade e a maldade das nações deste mundo!

A partir do versículo 9, Daniel vê uma cena de julgamento de Deus contra o quarto animal, a quarta besta da visão, com um vislumbre escatológico para o Anticristo. O texto evoca a imagem de um tribunal, como a Suprema Corte, que reúne juízes para julgar. O próprio Deus, Juiz Supremo, se assenta em seu Trono, acompanhado de seu Conselho Celestial para julgar (1 Rs 12.19; Jó 1.6).

O "ancião de dias" (Dn 7.9-12) ganha destaque na visão de Daniel. Ele é uma figura humana que simboliza o respeito por Deus, que é muito mais que "um ancião de dias"; Ele é o Supremo Juiz, apresentado assim como uma referência cultural ao respeito pelos idosos, devido à sua experiência e sabedoria. As palavras hebraicas "atiz" e "yomin," traduzidas como "ancião de dias," designam o Deus Todo-Poderoso como o Juiz Supremo, que derramará seus juízos contra os reinos que se aliaram ao Anticristo. Por isso, a figura do "ancião de dias" é utilizada para identificar Deus como Aquele que tem autoridade e poder para julgar, especialmente contra o "pequeno chifre."

A "veste branca como a neve" (Dn 7.9) fala de pureza e santidade. Deus é Santo (Is 6.1-4) e está rodeado de anjos santos.

"Um rio de fogo manava e saía de diante dele" (Dn 7.10). A figura do fogo ilustra a santidade, pureza, iluminação e justiça de Deus. A visão do profeta Isaías no capítulo 6 reflete a glória do fogo diante do Trono de Deus. O versículo 10 sublinha a santidade do "ancião de dias," o Pai Celestial, e a relação do seu trono com o fogo que manava dele, representando pureza e justiça. As "rodas do trono" indicam que Deus não é estático e que Ele promulgará a sentença final contra o quarto animal (Roma) e o "pequeno chifre," o grande opositor dos propósitos de Deus para com Israel (Dn 7.11-12).

"Milhares de milhares o serviam diante dele" (Dn 7.10). Daniel percebe que o fogo que manava e saía de diante dele é identificado com os anjos celestiais que o servem. Os anjos, seres espirituais sem forma definida, são vistos na visão de Daniel como chamas de fogo, diversificadas em milhares de seres que servem ao Trono do Supremo Deus.

O juízo divino contra o império sob o domínio do "chifre pequeno" está declarado assim: "estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo"

(Dn 7.11). O juízo de Deus, sentado em seu Trono de Justiça e rodeado de seus anjos, será executado para pôr fim à soberba do Anticristo e de seus aliados. Ele terá o mesmo destino dos reis profanos, como Nabucodonosor, Antíoco Epifânio, Herodes, Nero, Hitler, e outros líderes que desafiaram a Deus e não reconheceram Sua soberania. Todos foram destruídos, pois só Deus é o Todo-Poderoso e detém o cetro de autoridade sobre o mundo.

3.2 A vinda do “Filho do Homem” (vv. 13,14).

A LIÇÃO DIZ: *No sonho do capítulo 2, a estátua colossal foi destruída por uma pedra que depois encheu toda a terra. Agora, no capítulo 7, o animal será destruído e um como ‘filho do homem’ assume o Reino para sempre (v. 13,14).*

“E eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem” (Dn 7.13-14). Nestes versículos, Daniel atinge o clímax das suas visões e revelações. A Palavra de Deus nunca se contradiz; pelo contrário, ela se complementa e se aplica conforme as necessidades dos que servem a Deus. No versículo 13, está escrito que o Filho do Homem “vinha nas nuvens do céu”. Esta profecia é repetida em Atos 1.9-11, onde os anjos anunciam que o mesmo Jesus, que subiu ao céu, voltará da mesma maneira. Em Apocalipse 1.7, a mensagem é reiterada: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram”. Daniel viu esse personagem, identificado como “o Filho do Homem”, que se dirige ao Ancião de Dias. Não há dúvida de que se trata de Jesus, a segunda pessoa da Trindade. Este “Filho do Homem” recebe poder e domínio sobre todas as nações, e seu domínio será eterno, seu reino não será destruído. O título “Filho do Homem” tem um sentido messiânico, referindo-se primeiramente à vida terrena de Jesus. Esse mesmo Jesus, rejeitado em sua primeira vinda, virá gloriosamente como “o Filho do Homem” para desfazer o reino do Anticristo, tomar o reino de Israel e se assentar no Trono de Davi (Zc 14.1-4). Ele receberá poder, glória e domínio sobre a terra quando descer para instalar o reino milenial. Ao introduzir o Reino de Deus na terra, Jesus Cristo, o Verbo divino feito carne (Jo 1.1,14), virá pela segunda vez e inaugurará uma nova fase do governo de Deus na terra, instalando um reino de mil anos (Ap 20.2-6).

3.3 A Grande Tribulação.

A LIÇÃO DIZ: *Os versos 24 e apresentam um período específico dos últimos tempos, no qual o Anticristo perseguirá o povo de Deus. Ele vai falar contra Deus e perseguir os seguidores de Deus, representados como ‘os santos’, mártires e crentes advindos da Grande Tribulação. Além disso, ele tentará mudar leis e regulamentos, possivelmente tentando suprimir a religião e os princípios morais.*

O período descrito como “tempo, tempos e metade de um tempo” (Dn 7.25) refere-se a um tempo de grande sofrimento, especialmente contra Israel. Esse período corresponde à duração do pacto que o “chifre pequeno” (ou Anticristo, no Novo Testamento) firmará com Israel por “uma semana” (Dn 9.27). A expressão “tempo, tempos e metade de um tempo” é uma maneira metafórica de se referir a três anos e meio, ou 42 meses, ou 1260 dias (Dn 12.7; 9.27; Mt 24.21,22; Ap 7.14).

A primeira metade dessa semana de sete anos será caracterizada por artifícios políticos do Anticristo, simulando paz entre Israel e as nações. Porém, na segunda metade, ele quebrará o pacto, começando uma feroz perseguição a Israel, incitando as nações contra o povo judeu. Este período, conhecido como "tempo dos gentios", representará o ápice do ódio mundial contra Israel.

Importante destacar que a Grande Tribulação não será para a Igreja de Cristo. Antes desse período, a Igreja será arrebatada ao céu, e os mortos em Cristo ressuscitarão gloriosamente (1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.13-18). Assim, o Messias voltará, não para a Igreja, mas para Israel e o mundo, para cumprir as profecias e intervir no domínio dos gentios sob o comando do Anticristo, assumindo o Reino sobre a terra.

CONCLUSÃO

Como vimos no capítulo 7, Daniel recebe visões a respeito dos quatro grandes impérios e do estabelecimento do reino eterno de Deus. Essas visões revelam a promessa de que, apesar dos impérios e das forças poderosas que governam o mundo, o Senhor Deus continua no controle e, ao final estabelecerá seu reino eterno de justiça e paz.

ABRA JAULA – PB MURILO ALENCAR

REFERÊNCIAS

WOOD, Leon J. Comentário de Daniel. 1ª ed. São Paulo: Editora Batista Regular, 2014.

AMPOS, Heber, Jr. Amando a Deus no Mundo: Por uma Cosmologia Reformada. Organizado por Tiago J. Santos Filho. 1ª ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2019.

GREIDANUS, Sidney. Pregando Cristo a partir de Daniel. Traduzido por Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. Daniel: Um Homem Amado no Céu. 1ª ed. Comentários Expositivos Hagnos. São Paulo: Hagnos, 2005.